

Você sabe o que está no Balcão?



Ruth Escobar e Paulo C. Pereio: como chegar até o Balcão de Jean Genet.

Ivo Zanini

O público se assusta, fica confuso com o simbolismo difícil e agressivo do texto e o arrôjo do cenário, que o envolve logo na entrada. Mas, é quase impossível encontrar lugar para vê-lo; os críticos, que o elegeram o melhor da temporada parecem não ter mais o que dizer para elogiar "O Balcão", de Jean Genet, que se tornou o mais controvertido e bem sucedido espetáculo teatral do ano em São Paulo.

A peça é uma reportagem feita com pormenores. O sacro e o profano se misturam, a ternura e a violência estão lado a lado, a ousadia e o temor têm lugares de honra. O público assiste a uma representação que o sacode quase durante todo o tempo que dura o ritual. São cerca de três horas de emoções e intranquilidade. Tudo por causa das características inovadoras do espetáculo, desde o palco — um círculo de vidro — até elevadores individuais onde se movimentam os atores. Uma aula de emoção e técnica que fulmina artistas e espectadores, valorizada também pelo incomum cenário, um gigantesco funil de ferro e rédes, idealizado por Wladimir Pereira Cardoso, também premiado pelos críticos pelo seu complexo trabalho.

O interior do Teatro Gil Vicente foi inteiramente reformulado para dar lugar à grande estrutura de ferro e aço. Difícilmente qualquer outro tipo de espetáculo poderá ser representado no local. Isso equivale a dizer que é indispensável uma reforma total no interior, ou mesmo a construção novamente do palco e da platéia, que foram eliminados para o cenário da peça de Genet.

SOBE E DESCE

Até mesmo nos momentos de grande ternura, o diretor Garcia surpreende com o imprevisto.

Em matéria de música, há desde as renascentistas e clássicas até às profanas e da juventude. Guindastes deslocam, lá no alto (30 metros), atrizes e atores; elevadores individuais nunca estão vazios nem parados. Gritos, uivos, chibatadas, correrias, palavrões, exclamações de humor. Tudo se pode ver e ouvir. Até bombas juninas.

Em cena, desde o majestoso bispo, passando pelo general, o juiz, o carrasco, o chefe de polícia, a dona do bordel, as maripósas, eles todos despem-se de suas personalidades (e de seus trajes) e dão vazão às suas imaginações e ambições. É uma orgia de desejos e violências, bem próprios da condição humana.

Além de Ruth Escobar, o diretor Victor Garcia e Wladimir Pereira Cardoso, "O Balcão" é o triunfo de uma grande equipe: Raul Cortez (bispo), Sérgio Mamberti (juiz), Jonas Mello (carrasco), Dionísio Azevedo (general), Paulo César Pereio (chefe de polícia), Célia Helena (a mundana), Nilda Maria (a pureza), Carlos Augusto Strazzer, Ney Latorraca e mais 30 outros atores.

PROBLEMAS

Mas o grande êxito alcançado com a peça não deixa tranqüila sua realizadora, Ruth Escobar, eleita "personalidade teatral do ano", pela montagem da obra de Genet.

"Estou feliz com o resultado que conseguimos", ela diz. "O sacrifício foi grande em todos os sentidos. Dias sem dormir, dificuldade em obter recursos para elaborar o cenário e pagar os atores, problemas que sempre surgem nos momentos mais delicados. Ainda bem que a crítica reconheceu as qualidades do espetáculo. Mas os gastos com sua montagem são muito altos. Não sei como saldar os compromissos. Gastamos mais de 300 milhões antigos para montar "O Balcão". Para acabar com as dívidas é preciso que haja lotações diárias durante seis meses. Não vai ser fácil".

"O importante é provar que São Paulo tem condições de realizar grandes encenações. Os recursos artísticos estão por aí, sem dificuldade. Problema mesmo é dinheiro, financiamento. Um pouco de ousadia também, mas isso já estamos vencendo".

2 mundos: a arte de todo mundo



Maria Magno (ao lado de Flávio de Carvalho): a arte ao alcance de todos.

Um grupo de jovens italianos achou um dia que os rumos da arte não andam muito certos. Por isso, tiveram uma idéia: pedir a colaboração de grandes artistas plásticos para que cedessem suas obras, que a seguir iriam a leilão. Com o dinheiro apurado, fundariam um Centro de Arte. A iniciativa foi tão bem aceita que, em pouco tempo, eles receberam apoio de Picasso, Chagall, Miró, Guttuso, Marc Tobey, Henry Moore e outros nomes, que doaram suas obras aos jovens. E agora, em Roma, o Centro de Arte é uma realidade.

Entusiasmados com o sucesso, os organizadores do Centro resolveram fazer a mesma coisa no Brasil. Vieram para São Paulo e desenvolveram o mesmo processo de trabalho.

Os artistas plásticos brasileiros apolaram logo a idéia. Entre outros, doaram trabalhos Volpi, Bruno Giorgi, Milton Dacosta, Maria Leontina, Aldemir Martins, Iberê Camargo, Ivã Serpa, Emanuel Araujo, Tarsila do Amaral, Grassmann e Carlos Scliar.

Com o resultado, foi montada a peça "Os gigantes da Montanha", de Pirandello, numa encenação dirigida pelo jovem diretor Romand Federico Pirandello, numa encenação dirigida pelo jovem diretor romano Federico desenvolver uma nova etapa de seu programa, a Campanha de Mobilização Cultural: integrar as artes e torná-las mais acessíveis ao grande público.

LUTA

Uma das responsáveis pelo êxito da iniciativa é Maria Thereza Magno. Desde o início, ela procura encontrar a solução para os muitos e complexos problemas que surgem. Lida com artistas plásticos, com artistas de teatro, com meios intelectuais e culturais, com autoridades, é obstinada em seu objetivo: criar o Centro de Arte em São Paulo.

Explica Maria Thereza que o Brasil é um país novo, em contínuo crescimento. Aqui, as possibilidades de ampliar o movimento são propícias. Daí porque confia muito no êxito do empreendimento entre nós.

MOBILIZAÇÃO

Mas para construir o Centro de Arte em São Paulo, que constaria de um teatro-móvel, onde seriam apresentados espetáculos e debatidos vários assuntos artísticos, além de se instalar um museu móvel, a iniciativa exige muitas condições favoráveis.

Planejou-se, por isso, a Campanha de Mobilização Cultural, já em andamento, primeiro com a realização de uma exposição de oito jovens artistas de vanguarda em São Paulo, e agora com sucessivas reuniões artísticas, no próprio TBC.

A exposição reúne obras de Vera Ilce, Maurício Nogueira Lima, Quissak Júnior, Cláudio Tozzi, Gilberto Salvador, Sônia Castro, José Roberto Aguillar e Lourdes Cederan. Cada um deles com dois trabalhos.

UNIR ARTISTAS

Acima de tudo, busca o Centro de Arte 2 Mundos individualizar, reconhecer e unir os artistas de cada país, para começar a levar avante uma efetiva política artística e cultural desvinculada de qualquer condicionamento de mercantilismo, política essa já amadurecida na Europa.

Segundo Maria Thereza, esse processo de união deve ser entendido não em termos geográficos, enagráficos ou mercantilistas, mas em termos de conscientização dos processos de uma realidade cultural e artística que já há tempos é discutido objetivamente em todo mundo.

Ela confia nos artistas em geral (pintores, atores, músicos, intelectuais etc.) para levar avante a obra, de reais benefícios para eles e para as Artes. Para tanto, acentua, basta que cada artista se conscientize da sua responsabilidade e contribua de alguma forma para que haja uma comunicação maior para o público, igualmente cada vez mais crescente admirador das artes.